

BILL BUFORD

ENTRE OS VÂNDALOS

A multidão e a sedução da violência

Tradução
Júlio Fischer



Copyright © 1991, Bill Buford

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Among the thugs

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Marcos Luís Fernandes

Revisão

Adriana Moretto

Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buford, Bill

Entre os vândalos : a multidão e a sedução da violência / Bill Buford ; tradução Júlio Fischer. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Among the thugs.

ISBN 978-85-359-1607-2

1. Arruaceiros — Grã-Bretanha 2. Futebol — Aspectos sociais — Grã-Bretanha 4. Repórteres e reportagens 5. Violência no esporte — Grã-Bretanha 1. Título

10-00298

CDD-363.32

Índice para catálogo sistemático:

1. Grã-Bretanha : Violências dos torcedores de futebol :
Problemas sociais 363.32

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

PARTE UM

Uma Estação nos arredores de Cardiff *10*

Manchester *20*

Turim *32*

Sunderland *110*

Manchester *112*

PARTE DOIS

Bury st. Edmunds *128*

Cambridge *160*

Dawes Road, Fulham *175*

PARTE TRÊS

Düsseldorf *210*

Sardenha *268*

Agradecimentos *323*

Sobre o autor *325*

Parte Um

UMA ESTAÇÃO NOS ARREDORES DE CARDIFF

Uma das causas da queda de Roma foi que o povo, sendo alimentado pelo Estado [...] deixou de ter qualquer responsabilidade por si mesmo ou por seus filhos, tornando-se, em consequência, uma nação de perdulários. Eles frequentavam circos, onde artistas profissionais, na arena, os entretenham, de modo muito semelhante às multidões que hoje afluem para assistir a atletas profissionais jogando futebol [...] Milhares de garotos e jovens, espécimes pálidos, de peito estreito, encurvados e miseráveis, fumando cigarros sem parar, muitos dos quais fazendo apostas, aprendendo todos a ser histéricos, a se lamuriar ou festejar em estremecedor uníssono com seus vizinhos — sendo o pior ruído dentre todos o da gargalhada histérica que acolhe qualquer pequeno tropeço ou queda de um jogador. Ficamos a nos indagar se é possível ser este o mesmo país que granjeou para si a reputação de uma imperturbável população de fumadores de cachimbo, impermeável ao pânico ou ao entusiasmo e digna de confiança nas situações mais difíceis. Afastai os moços de tal prática — ensinai-os a se portarem como homens.

R. Baden-Powell, *Scouting for boys* [Escotismo para meninos], 1908

ALGUM TEMPO ATRÁS, voltei do País de Gales para casa de trem. A estação era a de um vilarejo nos arredores de Cardiff e cheguei cedo ao local. Comprei uma xícara de chá. Era uma noite fria de sábado e havia apenas outros três ou quatro passageiros na plataforma. Um homem lia um jornal, balançando-

-se para a frente e para trás apoiado nos pés. Em meio à nossa espera ouviu-se um aviso pelo alto-falante com respeito a um trem não programado. Pouco depois, outro aviso: o trem não programado estava prestes a chegar e todos deveriam colocar-se à distância de três metros do limite da plataforma. Era uma instrução inusitada, que levou o homem do jornal a erguer uma sobranceira. Imaginei que talvez se tratasse de um trem militar. Alguns minutos depois, apareceram policiais, despontando das escadarias próximas.

O trem era um especial para dias de futebol e estava tomado por torcedores. Vinham de Liverpool e havia centenas deles — jamais eu vira um trem tão abarrotado de pessoas — cantando em uníssono: “Liverpool, la-la-la, Liverpool, la-la-la”. A letra parece tola agora, mas não o pareceu então. Um minuto antes houvera um silêncio virtual: uma noite galesa de inverno, enevoadada e sonolenta. E então aquela cantoria, disparada em crescente ferocidade, ressoando pelas paredes da estação. Um guarda fora ferido e, quando o trem parou, ele foi empurrado para fora, as mãos encobrindo o rosto. Alguém no interior do trem procurava arrebentar uma janela com uma perna de mesa, mas a janela não se quebrava. Um homem gordo, de rosto vermelho, tropeçou para fora de um dos vagões e seis policiais acorreram em sua direção, derrubaram-no ao chão e dobraram-lhe o braço violentamente às costas. A reação da polícia era exagerada — o trem estava tão abarrotado que o homem gordo havia pipocado para fora através de uma porta aberta —, mas os policiais estavam assustados. Eu também estava assustado (lembro-me de meus braços estupidamente cruzados à frente do peito), assim como todos os demais na plataforma. Era uma situação peculiar: estava numa estação ferroviária onde todos à minha volta falavam galês; eu estava ali para apanhar um trem; então, aquela súbita demonstração. Imaginei que ela se dirigia a nós, que aquele canto violento era uma forma de mostrar que eles, os torcedores, estavam em posição de fazer o que desejassem.

O trem partiu. Fez-se silêncio.

Cheguei em casa à uma e meia da manhã, e a região parecia consistir num extenso cordão policial. Na estação de Paddington, duzentos policiais aguardavam para acompanhar cada passageiro da plataforma até o metrô. Troquei quatro vezes de trem; três haviam sido ocupados por torcedores. Um deles estava em destroços: os assentos haviam sido rasgados, enquanto o bar, fechado de antemão, fora arrombado, sua porta metálica em pedaços, a bebida ao alcance de qualquer um que por ali passasse. Eu não sabia o que era mais espantoso, se o vandalismo, gratuito e implacável, ou o fato de que, com tantos policiais, ninguém parecia capaz de detê-lo: a coisa simplesmente prosseguia. Na esperança de evitar confusão, acomodei-me num assento de primeira classe, na parte mais dianteira de um vagão, defronte a um homem que havia pago por seu bilhete de primeira classe. Ele era esbelto e elegante, com um bigode fino, usava um terno de lã e sapatos lustrosos e caros: um tipo civilizado de camarada lendo um tipo civilizado de livro — um romance de capa dura com sobrecapa. Um torcedor o estava fitando havia um bom tempo. Um torcedor que estava embriagado. Vez por outra acendia um fósforo e atirava-o em direção aos reluzentes sapatos do homem civilizado, na esperança de atear-lhe fogo às calças. O homem civilizado ignorava-o, porém o torcedor, bufando irritado, persistia. Era uma imagem eloquente: um dos desprivilegiados, ignorando os códigos de conduta civilizados, pondo em chamas, displicentemente, um membro da classe mais privilegiada.

Era óbvio que a violência representava um protesto. Fazia sentido que assim o fosse: as partidas de futebol ofereciam uma válvula de escape para frustrações de natureza profunda. Muitos jovens estavam desempregados ou jamais haviam conseguido colocação alguma. A violência, por conseguinte, era uma espécie de rebelião — rebelião social, rebelião de classe, alguma coisa. Eu queria conhecer melhor aquilo. Já tinha lido sobre a violência e, até onde havia refletido sobre o assunto, presumia tratar-se de um fenômeno isolado ou misterioso, no sentido em que a violência das multidões é tida como misteriosa: imprevisível, espontânea, a turba. Minha viagem iniciada no País de

Gales sugeriu que esta violência poderia ser mais proposital, mais voluntária. Ela proporcionava uma visão do sábado inglês, o dia das compras, diferente daquela que eu conhecera: a de que nos vilarejos e cidades você podia encontrar centenas de policiais, militares com todo o seu aparato, a postos para conter jovens do sexo masculino aficionados pelo esporte que, após comparecerem a uma competição esportiva, estavam determinados a quebrar ou destruir tudo aquilo que encontrassem pelo caminho. Era difícil de acreditar.

Contei a história de minha viagem a alguns amigos, mas fiquei espantado ao ver quão pouco eles se surpreendiam. Alguns agiam como que tomados de repulsa; outros achavam divertido; ninguém considerava aquilo extraordinário. Tratava-se de uma das coisas com as quais já se contava: que todos os sábados jovens rapazes arrasassem trens, quebrassem as janelas dos *pubs*, destruíssem carros ou promovessem depredações em centros urbanos. Não engoli aquilo, mas parecia ser assim. Na verdade, a única ocasião em que senti ter dito algo surpreendente foi quando revelei que, apesar de eu agora já ter visto uma multidão de torcedores de futebol, jamais presenciara uma partida de times ingleses. Isso sim, aparentemente, era estarrecedor.

Assim, expliquei-me: embora tivesse vindo à Inglaterra como estudante, em 1977, e permanecido no país, comparecera a uma única partida de futebol, e isso anos antes, quando me encontrava na Cidade do México: a seleção mexicana, que não era lá muito boa, enfrentava minha seleção natal, a equipe visitante dos Estados Unidos, que era terrível. Talvez houvesse umas duzentas pessoas assistindo. O México venceu por oito a zero. Nos subúrbios de Los Angeles, onde me criei, o *soccer* (como chamávamos o futebol) não era passatempo de rapazes.

Meus amigos estavam impressionados. *Nunca* ter acompanhado a uma partida? Mostraram-se incrédulos. A implicação aparente era a de que *por isso* o comportamento dos torcedores me parecia tão extravagante e difícil de compreender.

Não são muitas as lembranças que tenho de minha ida ao

campo do Tottenham Hotspur, em White Hart Lane, para onde dois amigos me levaram a fim de assistir à minha primeira partida inglesa de futebol, nas finais do campeonato de 1983. Não me lembro se algum gol foi marcado. Não me lembro do outro time. Lembro-me de que nos atrasamos e levamos vinte minutos de empurrões, agarramentos, apertões, gemidos, avanços lentos, esforços imensos e disputas corporais até que conseguíssemos finalmente garantir nosso lugar, a minúscula fatia de um degrau de concreto, esmagados entre uma porção de garotos — de que outra forma descrevê-los? — dez anos mais jovens do que eu e trinta quilos mais pesados, cuja paixão por se expressarem raramente ultrapassava a frase simples mas eficientemente direta (e repetida com frequência): “Seu filho da puta”. Lembro-me da euforia que acompanhou o espetáculo do indivíduo abaixo de nós que, detectando uma precipitação na parte traseira do pescoço, voltou-se para trás e descobriu que estavam urinando nele do alto. Lembro-me também da inquietação que senti ao me dar conta de que os dois jovens próximos ao meu lado exibiam emblemas do National Front — um de meus amigos era indiano e o outro, um latino-americano moreno. Os dois jovens e seus amigos começaram a gritar — “Fora, negrada!” —, o que era repetido num volume cada vez mais alto até ser interrompido por uma briga, por sua vez interrompida pelos policiais, cujo deslocamento até o local, entre empurrões, agarramentos, apertões, gemidos, avanços lentos, esforços imensos, disputas corporais e porretadas, foi inibido quando seus capacetes foram arrancados e atirados em direção ao gramado.

Para meus amigos aquilo era um programa comum — um tanto divertido quando os policiais perderam seus capacetes, mas afóra isso nada de especial. É verdade, você não esperaria que alguém, digamos, no teatro, fosse urinar sobre as demais pessoas da plateia, só que garotos não frequentam o teatro, não é? Garotos frequentam jogos aos sábados.

Decidi ir por conta própria. Não sabia que a coisa não era assim, que garotos iam com garotos ou que garotos iam com

seus papais, mas havia uma porção de coisas que eu desconhecia — e era essa a questão. Eu queria descobrir o que me era desconhecido; queria conhecer um “deles” e não sabia de nenhum outro jeito para consegui-lo.

Assim, com a nova temporada, fui para Stamford Bridge. Eu tinha conhecimento sobre o Chelsea, a reputação de seus torcedores e o “barracão” — as arquibancadas cobertas no lado do campo que era ocupado, em pé, pela torcida do Chelsea. Cheguei cedo. Vi diversos policiais pelo caminho — eles estavam em cada parada ao longo da District Line do metrô —, mas quando atingi a estação Fulham Broadway eles estavam por toda parte. Viam-se cães no topo das escadarias da estação do metrô e, do lado de fora, cavalos carregando policiais munidos de cassetetes de 1,20 metro. Em meu trajeto rumo ao estádio, vi homens com rádios: havia um praticamente a cada esquina. Um helicóptero circulava no céu, enquanto furgões percorriam com lentidão os *pubs* e as ruas estreitas. Ocorreu, então, algo que eu jamais poderia ter imaginado. Ouvi o trotar de cavalos, o som penetrante de vidro se estilhaçando e vozes berrando insultos. Vinha descendo pela Broadway uma escolta formada por dez cavalos e uma corrente de policiais cercando um grupo compacto, porém numeroso, de talvez mil pessoas: eram os visitantes.

Parece curioso, agora, que eu tenha me surpreendido, já que de lá para cá presenciei essa mesma procissão um número tão grande de vezes; mas me surpreendi. A procissão era formada por gente comum, dedicados torcedores de uma equipe, muitos dos quais de meia-idade. Juntamente com seus filhos, esposas ou colegas de trabalho, eles tinham organizado um passeio de sábado, adquirido seus ingressos com antecedência, reservado um ônibus para a viagem de volta e, no entanto, encontravam-se em tamanho risco de serem fisicamente atacados que precisavam ser protegidos por um batalhão policial com cães e cavalos, acompanhados no alto por um helicóptero.

Ao entrar no estádio fui revistado — meu pente, por possuir dentes longos, foi confiscado — e passei pela catraca para encontrar gente por toda parte: nas escadarias, sentada no topo de

grades, nos postes e suspensa em partes da edificação. Havia um estreito corredor humano e juntei-me à multidão que avançava aos empurrões em busca de um lugar para assistir à partida.

Só que não havia lugar algum. Havia um aperto em movimento. Era impossível, uma vez lá dentro, mudar de ideia — decidir que afinal de contas eu não queria assistir ao jogo e sim ir para casa —, pois eu não poderia me mexer nem para a esquerda, nem para a direita, o que dirá dar meia-volta e caminhar na direção inversa àquela da qual viera. Havia uma única direção: para a frente. Por alguma razão, havia uma vantagem, uma vantagem pela qual valia a pena brigar, em estar um passo adiante de qualquer lugar em que você casualmente se encontrasse. E era ali que todos procuravam chegar.

Havia um certo número de táticas para conseguir isso. A mais comum era a *pressão simples*: erguendo seu braço imprensado por entre os dois corpos que o prendiam no lugar, deslizando-o para a frente e torcendo o corpo de modo que este, obedecendo a princípios naturais, acompanhasse efetivamente seu braço, você conseguia avançar um bocadinho em direção àquele misterioso lugar logo à sua frente. A pressão simples era popular — presumi que a maior parte das pessoas tivesse aprendido a técnica ao tentar comprar uma bebida nos *pubs* londrinos — e todos a aplicavam, até serem interrompidos pela *onda*.

O princípio da onda era o seguinte: alguém, atrás de você, frustrado por não conseguir alcançar um misterioso lugar apenas um passo adiante, desistiria e jogaria seu peso na pessoa que estivesse à frente; em seguida, em meio a gritos de “seu filho da puta”, todos tropeçavam para a frente. Ninguém caía, no mínimo porque cada qual estava tão imprensado contra a pessoa à sua frente, que, por sua vez, estava tão imprensada contra aquele que estava à sua frente, que ninguém, aparentemente, enfrentava o menor perigo *real*. Mas fiquei imaginando a pessoa que estaria à frente de todas e não tive dúvidas de que alguém deveria estar se sentindo muito amedrontado diante da perspectiva, cada vez mais plausível, de ser esmagado contra uma parede — pois a certa altura deveria existir uma parede.